

Rosa Martins Costa Pereira

Técnica em Assuntos Educacionais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal do Paraná, Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Educação, Filosofia e Tecnologias (GET) e do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações (NEER)
rosinhamaceira@yahoo.com.br

Sylvio Fausto Gil Filho

Professor Associado do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná, pesquisador do Núcleo Paranaense de Pesquisa em Religião (NUPPER) e do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações (NEER)
faustogil@ufpr.br

Uma leitura da mundanidade do luto de imigrantes, refugiados e apátridas

Resumo

Esse estudo trata de mundanidades do luto de imigrantes forçados, pessoas para as quais, provavelmente, deixar a terra natal não seria a primeira opção, em condições normais em seu país de origem. Com base em Métreaux (2011), analisou-se mundanidades do luto de imigrantes de garimpeiros e trabalhadoras sexuais brasileiras na Guiana e no Suriname, estudadas por Oliveira (2012), experiências de imigrantes brasileiros em Roma, analisadas por Della Pasqua e Dal Molin (2009), e o Projeto Novos Brasileiros, uma experiência do Brasil como segundo país de refúgio, relatado por Fiametti (2005). A análise foi norteadada pela abordagem fenomenológica-hermenêutica heideggeriana cujas bases têm contribuído para que geógrafos humanistas reinterpretem as noções de lugar e mundo. A partir da noção de mundanidade, em Heidegger (2010, 2012), identificou-se formas de luto vivenciadas por imigrantes, refugiados e apátridas: luto pelo sonho não realizado, por privacidade, liberdade, referências, perda do vínculo anterior, reconhecimento, valorização profissional e respeito à dignidade humana, alimentação, ausência do conhecido e amado, saúde, orientação e direção, autoestima, convívio social e o luto impedido ou negado. Com esse estudo preliminar, pretende-se contribuir para ampliar as possibilidades de acesso da leitura geográfica à dimensão existencial dos fluxos migratórios.

Palavras-chave: Migração, Mundanidade, Luto.

Résumé

UNE LECTURE DE LA MONDANITÉ DE DEUIL D'IMMIGRANTS

Cet étude s'agit du deuil des mondanités des immigrants forcés, les gens pour qui, en conditions normales dans votre pays d'origine, probablement, quitter la patrie ne serait pas la première option. Basé sur Métreux (2011), nous avons analysé mondanités du deuil des mineurs immigrants et les travailleurs du sexe brésiliennes en Guyane et au Suriname, étudiés par Oliveira (2012), les expériences d'immigrants brésiliennes à Rome, analysée par Della Pasqua et Dal Molin (2009) et le Projet Nouveaux Brésiliens, une expérience du Brésil comme deuxième pays d'asile, rapporté par Fiametti (2005). L'analyse a été guidé par l'approche phénoménologique herméneutique de Heidegger dont les bases ont contribués pour le géographes humanistes faire des nouvelles interprétation de la notion de lieu et de monde. A partir de la notion de mondanité, chez Heidegger (2010, 2012), on a identifié des façons de deuil vécus par les immigrants, réfugiés et sans patrie: deuil du rêve inaccompli, privacité, liberté, références, la perte de la relation précédente, la reconnaissance, le développement professionnel et le respect de la dignité humaine, l'alimentation, l'absence du connu et du aimé, la santé, l'orientation et la direction, l'estime de soi, l'interaction sociale et le deuil empêché ou refusé. Avec cette étude préliminaire, nous avons l'intention de contribuer à élargir les possibilités d'accès à la lecture existentielle de la dimension géographique des flux migratoires.

Mots clés: Migration, Mondanité, Deuil.

1. Introdução

Deixar o seu país, de forma planejada ou inesperada, é sempre uma situação geradora de algum nível de estresse. Mas, emigrar com um sentido de expulsão por motivações políticas, econômicas ou religiosas traz consequências socioespaciais e psicológicas que merecem uma leitura mais demorada.

A expressão de dor possui linguagens que ultrapassam fronteiras. O choro contido ou consentido, a expressão do sofrimento seja no olhar, na busca por abraços ou na recusa deles, o pouco ou excessivo uso de palavras demonstram que em qualquer nacionalidade é possível perceber quando alguém está sofrendo.

Ainda que não seja tema recorrente nas ciências humanas, já se percebe um aumento no número de pesquisas que envolvem o processo de luto tanto no indivíduo quanto em grupos. No campo da Psicologia há trabalhos como de Volkan (2007). O autor sugere que processos significati-

vos vivenciados em grandes grupos¹ podem inclusive limitar a atuação ou a contribuição da ciência para a sociedade. Ele indica que um dos impactos do Holocausto foi a limitação da prática psicanalista. Vejamos em suas palavras: “por muito tempo, os estudos psicológicos do Holocausto eram por demais dolorosos para serem realizados, evitando-se todo o tópico de seu impacto psicológico nos que foram diretamente afetados e na psique humana em geral” (2007, p. 1.200).

Volkan também destaca a ausência de registros sobre o Holocausto nas fichas hospitalares da década de 1940 que sequer registraram o fato. O silêncio nesses registros tem justificado, ainda hoje, a negação da própria existência do Holocausto. O silenciamento, em prol da produção de uma história conveniente, não impede a vivência do luto individual e coletivo.

Felizmente, para a Psicologia e em especial para a Psicanálise, estudos da temática luto coletivo têm recebido atenção especial, pois, como afirma Volkan, “recentemente, todavia, em especial após o dia 11 de setembro de 2001, os psicanalistas praticantes vêm demonstrando mais interesse na psicologia de grandes grupos” (2007, p. 1201).

O interesse de Volkan em grandes grupos é fundamentado por um sólido trabalho de campo em situações conflituosas ao redor do mundo, em especial, no conflito árabe-israelense, o qual por seis anos pesquisou e vivenciou de perto como membro do Comitê de Psiquiatria e Relações Exteriores da Associação Psiquiátrica Americana (APA). Nessa experiência, pôde não apenas conhecer os processos psicológicos internos entre grupos que se consideravam “inimigos”, mas teve a oportunidade de entrevistar pessoas em campos de refugiados e ali, afirma o autor, o sentimento coletivo é muito “palpável”.

Considerando que o atual cenário mundial é marcado por uma significativa circulação de pessoas, esse texto tem como preocupação principal fazer algumas considerações sobre a temática do luto de pessoas em situação de migração internacional e solicitação de refúgio. A análise aqui apresentada possui dois caminhos: a) apresentação de estudos desenvolvidos com imigrantes, refugiados e apátridas e b) análise dos casos relatados com base na aplicação da noção de mundanidade em Heidegger e de luto em Métraux (2011).

2. Geografia, fenomenologia e hermenêutica da faticidade: aproximações

A perspectiva fenomenológica heideggeriana não guarda uma concepção cartesiana de espaço, desse modo, a espacialidade não possui direita ou esquerda, por exemplo. Pode-se dizer que a espacialidade está relacionada com o sentido de direção, orientação e intenção.

A fenomenologia na interpretação heideggeriana estuda o ser-no-mundo que é também ser-com os outros que estão aí faticamente e é exatamente a existência do ser-aí que torna possível, para Heidegger (2012), a relação entre os seres-no-mundo.

A base da Hermenêutica da faticidade é o questionamento fenomenológico, desse modo, compreender é um processo que perpassa todas as fases de uma pesquisa. Em Heidegger, o conceito de compreensão se refere ao caráter ontológico da própria vida humana, não é um conceito simplesmente metodológico ou que visa a fundamentar as pesquisas nas ciências humanas. Ele se propôs a esclarecer a estrutura da presença mediante uma “analítica transcendental da presença” e revelou o caráter de projeto que reveste toda compreensão, pensando a própria compreensão como o movimento da transcendência, acima do ente. Portanto, compreender é um processo de alteridade, de descobrimento do outro e de si mesmo. Heidegger ampliou a concepção estreita da hermenêutica tradicional sobre compreensão e propôs uma compreensão da fundamentação ontológica da presença humana, através da qual o conhecimento histórico recebe sua legitimidade a partir da estrutura da presença, já que esse é seu modo de ser.

Para Gadamer (2004) isso não significa uma mera “homogeneidade entre conhecedor e conhecido”. A adequação de todo conhecedor ao conhecido não se baseia no fato de que ambos possuam o mesmo modo de ser, mas de que recebem seu sentido da *especificidade* do modo de ser que é comum a ambos. Propõe-se, nesse estudo, uma leitura dos processos de luto de pessoas em situação de migração forçada com base na noção heideggeriana de mundos da vida, articulada primordialmente na obra *Fenomenologia da vida religiosa* (2010), que reúne os textos de Heidegger “Introdução à Fenomenologia da Religião”, “Agostinho e o neoplatonismo” e

“Fundamentos filosóficos da mística medieval”. Destaca-se que esses textos dizem respeito ao pensamento do “jovem Heidegger” no início da década de 1920 e não têm como foco de preocupação os aspectos doutrinários. Seu objetivo é deixar ver a experiência fática da vida em suas singularidades.

Os mundos da vida em Heidegger são dimensões do vivido. Ele realiza uma organização formal desses mundos apenas para fins de compreensão, pois estes mundos são articulados e não se referem a graus da realidade vivida.

O Mundo Circundante se refere ao que nos vem ao encontro. A esse mundo pertencem não apenas as coisas materiais, mas também as objetualidades, ideias, ciências, artes, dentre outros. O mundo circundante é o mundo no qual nós todos, independentemente do lugar de nascimento, de alguma forma estamos envolvidos.

O Mundo Compartilhado se constitui das experiências fáticas da vida que nos ligam a outras pessoas a partir de uma característica determinante, por exemplo: ser estudante de um determinado curso ou possuir relações de parentesco são formas de caracterizar relações no mundo compartilhado. Pode-se incluir no mundo compartilhado as experiências construídas por pessoas de uma mesma nacionalidade, pois nessa dimensão da vida não se referem ao *homo sapiens* das ciências naturais, mas às experiências elaboradas em alteridade. Por Mundo Próprio se entende as experiências singulares, o “eu mesmo”, as trajetórias e escolhas individuais que nos fazem ser quem somos. Esses mundos da vida não são construções soltas e nem se referem às etapas relacionadas à cronologia e às fases da vida humana. Os mundos da vida têm como único objetivo tornar acessível a experiência fática da vida.

3. Tornar-se imigrante, refugiado ou apátrida no mundo

Nascer, crescer, viver, morrer são situações inerentes à vida humana. Quem nasce, nasce em algum lugar. A partir de um suporte, inicia-se a caminhada no mundo, sem a certeza se a morte acontecerá onde se nasceu. Apesar do nascimento caracterizar a primeira forma de identificação do ser-no-mundo, muitas outras experiências irão, continuamente, transformar

o ser em quem é. Tão certo como o desejo de permanecer é também o de ir. Entretanto, ir nem sempre é uma escolha.

Processos migratórios formam povos, reconfiguram dimensões territoriais, criam culturas, plasmam o mundo. Prova disso é a constituição das Américas nos últimos quinhentos anos. Guerras, desastres naturais, extrema pobreza são alguns dos motivos que têm gerado processos migratórios. Entretanto, para estudar migração é preciso considerar que o deslocamento humano ultrapassa as motivações econômicas, estando relacionado inclusive com a busca pelo desconhecido, como afirmam Amaral, Silva e Leandro (2011).

A dimensão existencial da migração tem despertado o interesse de áreas como a antropologia, a história e a psicologia, entretanto, a geografia pouco tem participado desse debate, ainda que a migração seja um fenômeno eminentemente geográfico. De um modo geral, a ênfase nos estudos econômicos valoriza as implicações territoriais dos processos migratórios, em contrapartida, a dimensão existencial ainda necessita de maior atenção dos geógrafos.

As abordagens humanistas e culturais na geografia são as que melhor possibilitam campo fértil para estudos intersubjetivos de processos migratórios. Destacam-se as contribuições de geógrafos humanistas como Marandola Júnior e Dall Gallo (2010) para os quais a migração já é em si um fenômeno geográfico com implicações territoriais e existenciais.

Outros geógrafos e estudiosos da ciência geográfica, mesmo não abordando de forma direta o tema migração, construíram e constroem bases teóricas para sua análise existencial, como Dardel (2011), Relph (2012), Holzer (2012), entre outros. Suas contribuições não podem ser subestimadas, pois pensam a geografia a partir da experiência intersubjetiva do mundo em seus fundamentos, em suas distâncias e direções a serem vencidas, fisicamente ou na imaginação, valorizando as vivências cotidianas como centros de significados.

As características dos fluxos migratórios da fase recente são complexas, pois, de um modo geral, são fluxos indocumentados que escapam ao controle oficial. Muito se tem discutido sobre a presença de imigrantes e refugiados no Brasil, entretanto, não se deve desconsiderar que o número de brasileiros no exterior é muito expressivo. As estimativas indicam a exis-

tência de aproximadamente 2 milhões de brasileiros emigrados, sendo os Estados Unidos o país de destino de maior concentração, especialmente em Nova York, Miami e Boston. De maneira mais tímida, mas já perceptível, constata-se a emigração de brasileiros para países da América Latina, sendo o Paraguai o país da maioria dos destinos brasileiros, com cerca de 350 mil. O perfil é de pequenos empresários do sul do país ou trabalhadores com baixa qualificação profissional que entram no Paraguai indocumentados, como diaristas e trabalhadores agrícolas sem-terra (MARTES, 2009).

O Brasil continua sendo destino para muitos imigrantes. Quais os motivos para isso? Martes (2009) afirma que “[...] um eventual bom desempenho macroeconômico não é condição necessária e nem suficiente para um país tornar-se polo receptor” (p. 12).

Dentre as variáveis que contribuem para a atração de imigrantes estão a perseguição política que atraiu, predominantemente, argentinos, uruguaios e chilenos nas décadas de 1970 e 1980; os refugiados, especialmente africanos (Angola e Libéria), colombianos e asiáticos (Afeganistão); migração de profissionais qualificados, com predomínio de europeus e latino-americanos, principalmente argentinos, bem como a migração laboral, de trabalhadores de baixa qualificação e nível de escolaridade, fluxo “voluntário”, a maioria não-documentados, com predomínio de sul-americanos, como chilenos, bolivianos, peruanos, paraguaios e também de imigrantes africanos, sobretudo angolanos e moçambicanos (MARTES, 2009).

Para Milesi (2005), as migrações atuais são dramáticas, pois ocorrem em meio a complexas situações de conflitos, guerras, desequilíbrios socioeconômicos, violência, pobreza, fome e exploração. No contexto atual, fala-se de migrações forçadas e são elas que podem gerar trabalhos de luto mais longos dos quais trataremos nesse texto. Antes de tratar sobre o trabalho de luto, é preciso situar que condições de vida tornam uma pessoa imigrante, refugiada ou apátrida.

Segundo o dicionário Houaiss², imigrante é uma palavra originada do latim relacionada com os verbos “passar”, “penetrar”, “entrar”. Por imigrante se compreende a pessoa que imigra, isto é, se estabelece em país estrangeiro. É interessante destacar que a palavra imigrante é, ao mesmo tempo, adjetivo e substantivo de dois gêneros. Homens e mulheres são

sujeitos e objetos da ação de imigrar, praticam e sofrem ao mesmo tempo. São pessoas de quem se fala pela ação que realizam e pela qualidade dos efeitos que nela vivenciam.

Refugiado é muito mais do que a condição de fugir de algum lugar, é aquele que procura um abrigo, um refúgio, por estar desemparado no princípio básico de sua existência: a própria vida. Também chamado por expatriado ou exilado, o refugiado é a pessoa que é obrigada a viver fora de seu país devido ao perigo gerado por perseguições políticas, religiosas ou por outro motivo em que sua presença no país de origem represente um perigo real e iminente de morte. Assim, refugiados são pessoas forçadas a empreender uma fuga, de modo individual, mas a situação no país de origem pode chegar a um contexto tão insustentável que a busca de refúgio pode também, como em geral ocorre, ser feita em massa.

Na condição de apátridas estão os indivíduos que perderam sua nacionalidade de origem e não adquiriram outra. Ele ou ela está sem pátria, por isso, o “a”- pátrida. É também uma palavra comum aos dois gêneros e, assim como imigrante, é ao mesmo tempo adjetivo e substantivo, masculino e feminino.

Observa-se que a linha que caracteriza a diferença entre as condições de imigrante, refugiado e apátrida é muito tênue e não é incomum que o mesmo indivíduo esteja em mais de uma condição ao mesmo tempo. É importante destacar aqui que cada situação apresenta uma necessidade diferente e também formas específicas de vivenciar o luto, ainda que haja similaridades próprias de uma migração forçada.

Segundo Serres (2014), da Agência Brasil, calcula-se que atualmente há cerca de 12 milhões de apátridas em todo o mundo. Essas pessoas estão morando em algum lugar, mas oficialmente é como se não existissem³. Segundo os dados do Comitê Nacional para Refugiados (Conare), divulgados pela Agência, o número de refugiados triplicou no Brasil e somente os sírios já representam 43% dos que buscam refúgio no país. Além da Síria, outros países também se destacaram na concessão de refúgio em 2013 pelo governo brasileiro, como a República Democrática do Congo, com 106 concessões, a Colômbia (87), o Paquistão (32) e Angola (17). Entre os países da América do Sul, aparecem na lista a Bolívia (16) e a Venezuela (6).

Destaca-se ainda a emigração de haitianos para o Brasil. O país reservou um lugar diferente para estes imigrantes no tocante ao contexto legal, não os considerando como “refugiados”. Mais especificamente, o governo brasileiro concedeu visto humanitário permanente para cinco imigrantes haitianos por meio de Resolução Normativa – RN (n.º 97) do Conselho Nacional de Imigração (CNIg). Por razões humanitárias se entende “aquelas resultantes do agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto ocorrido naquele país em 12 de janeiro de 2010” (BRASIL, 2012, p. 1). Segundo relatório de pesquisa coordenada por Fernandes (2014), entre 2011 e 2012, o CNIg concedeu 5.580 autorizações de permanência no país para imigrantes haitianos, um fluxo com padrão eminentemente masculino (87,1% do total).

Não é objeto deste trabalho adentrar em questões de cunho legal. Por enquanto, é importante destacar que muitos países, entre eles o Brasil, são signatários de convenções internacionais de proteção à dignidade humana, como o Estatuto dos Refugiados de 1951 e a Declaração de Cartagena de 1984, fruto de um acordo entre países da América Central e que é considerada um divisor de águas na conceituação de refugiado na América Latina.

4. Luto e mundanidades na experiência de migração forçada

O mundo não se resume à concepção generalista de mundialização e globalização. A perspectiva humanista em geografia descobre no mundo uma experiência geográfica familiar, experiências do cotidiano do ser.

Na expressão ser-no-mundo se exprime “um ser familiar”, assim como “um transcender”. O mundo não é um receptáculo, é a existência compartilhada com o outro. O mundo é alteridade, ainda que a ela não se limite. “O caráter de *Ser-com* não indica, entretanto, a efetivação da relação com o outro. A análise de nossa constituição ontológica mostra, de modo singular, que somos seres projetados à relação; a isso não se pode negar” (MARTINS FILHO, 2010, p. 63).

Na tradição humanista em geografia, mundo não se refere à compressão espaço-tempo, nem aos processos de “globalização” e “mundialização” aos quais comumente é relacionado. “Mundo e Lugar”, na geografia fenomenológica, se referem a parâmetros de análise do espaço geográfico.

Na fenomenologia, Mundo se remete diretamente ao ser que se dirige às coisas e se interroga sobre seu sentido. Na geografia, o “mundo” se relaciona ao conhecimento sobre o “suporte físico, isto é, o mundo é também uma categoria espacial”. “Mundo” e “lugar” são vistos como um par inseparável, assim como “espaço” e “lugar” na geografia. “O lugar está ligado às vivências individuais e coletivas a partir do contato do ser com seu entorno; enquanto ‘espaço’ é uma racionalização abstrata, uma construção mental, que busca uniformizar e homogeneizar o suporte físico” (HOLZER, 2012, p. 291).

Tanto Relph (2012) quanto Holzer (2012) defendem que o espaço é o conhecimento básico do homem sobre o mundo que é humanizado pela nomeação dos lugares. Nomear é dar, abrir um significado para a existência de algo. Assim, são os lugares que outorgam os espaços. Para os propósitos deste texto, será utilizada a noção de mundanidade a partir da proposta da hermenêutica heideggeriana de mundos da vida (circundante, compartilhado e próprio).

Considera-se que os mundos da vida em Heidegger são importantes possibilidades para o estudo da dimensão existencial de fluxos migratórios na ciência geográfica e que, apesar disso, o “mundo” foi relegado a um plano secundário nos estudos geográficos.

Para Heidegger (2012), mundanidade do mundo é a “estrutura da perspectiva em que a presença se refere” (p.12), isto é, o contexto em que a presença se compreende, o seu modo de referência, sendo vista, portanto, no ponto mais próximo à presença cotidiana.

A mundanidade não é impessoal e nem pressupõe a fuga de si mesmo (ainda que esta possa compor a analítica existencial), pois isso não colocaria a presença diante de si mesma. A interpretação da mundanidade está relacionada à disposição de abertura da presença, pois evidencia vivências de mundos próprios, circundantes e compartilhados. Nesse contexto, o fenômeno da angústia e do medo são citados por Heidegger com referência a entes intramundanos que possuem um modo de ser ameaçador, amedrontador. Em suma: a analítica existencial tem como objeto a constituição fundamental da presença, o ser-no-mundo, e aquilo com que o ser se ocupa e tem à mão.

Nos estudos sobre população, parte-se da constatação de que a experiência humana não acontece em um ponto isolado da superfície terrestre. Ela se dá em muitos e diferentes lugares, simultaneamente. E mais: ela se movimenta e se encontra. A partir daí, evidenciam-se processos complexos que resultam numa diferenciada apropriação da natureza pelos homens. Alguns se apropriarão mais e em melhores condições do que outros e, assim, a luta pela sobrevivência marca o segundo processo de integração, já não mais do ser humano com a natureza somente, mas dele consigo mesmo.

Nesse movimento, a humanidade tem construído marcadores sociais, distinções com pretextos biopsicologizantes, criando imagens do bem e do mal, do belo e do feio, e constituindo, de modo cruel e crescente, a segregação social e a pobreza.

É nesse contexto que as migrações forçadas acontecem. Não é uma jornada em busca de melhorar uma sobrevivência estabelecida, é uma busca pela própria sobrevivência, geralmente desesperada e marcada por um acontecer de grande sofrimento e incertezas.

Falar do luto no contexto migratório é uma tentativa de trazer ao debate as “mortes cotidianas”, às quais o imigrante está vulnerável especificamente por sua condição. Para Gil Filho (2014), a morte expressa o mundo de forma imediata, mas não apenas o expressa, também o representa. Nesse sentido, morrer pode ser um ato individual, mas a mundanidade da morte é “vívida” na coletividade que lhe conforma simbolicamente. Para o propósito deste texto, ressalta-se os sentidos da morte utilizados pelo autor que podem ir desde a finitude e a solidão à transcendência e à superação da morte.

Assim, utiliza-se, nesse estudo, a noção de luto como uma experiência de coletividade, pois, como afirma Gil Filho (2014, p. 141), “a morte é perda sim; entretanto, é perda para os que sobrevivem”. Mais do que a uma perda, o luto remete a uma presença. Lembrar-se de um momento, de uma pessoa, paisagem ou situação marca a existência de algo, que, bom ou ruim, existiu para quem lembra.

Métreaux (2011), psiquiatra e antropólogo suíço que desenvolve importante trabalho com pessoas atingidas por guerras, torturas e migrações forçadas, organizou uma proposta de análise sobre a especificidade de lutos coletivos, isto é, ainda que o trabalho de luto seja vivenciado por

cada indivíduo, há formas de enlutamento coletivo quando as perdas são ocasionadas por processos mais amplos. A perda de si, a perda de um pertencimento, a perda de um vínculo e a perda de um sentido são modos que revelam um luto coletivo.

No luto coletivo, Métreux (2011) acredita que há uma potência criadora. Entretanto, o autor faz uma restrição quanto ao uso da expressão “luto coletivo”. Essa expressão geralmente é utilizada em referência às situações extremas nas quais não há semente criadora, mas apenas crueldade. Por este motivo, o autor faz uma distinção entre duas formas de tragédias, uma criadora e outra mortífera. A tragédia criadora se refere a qualquer forma de perda suscetível ao luto; a tragédia mortífera corresponde a uma experiência traumática que está muito além da vivência de um luto. Ainda que tais tragédias possam coexistir, é importante reconhecer as especificidades de suas implicações.

Serão destacadas aqui aquelas experiências de perdas que constituem as tragédias suscetíveis ao luto coletivo, como potencialmente criadoras. As perdas de sentido, para Métraux (2011), comportam três tempos: *passado anterior*, os momentos anteriores antes do acontecimento, a rotina que se tinha; *passado mais recente*, o momento em que se vivencia o choque, as mudanças, a ruptura; e o *tempo da perda* propriamente dito.

O “luto de si” e o “luto de ti” correspondem a processos originários que o ser humano vivencia conforme cresce e envelhece. O adolescente vivencia o luto da infância; a esposa ou o marido vivenciam o luto pelo cônjuge que envelhece e pelas mudanças na relação, precisando redefinir o sentido de seu vínculo; os pais vivenciam o luto do filho que cresceu, enfim, são vivências que compõem o cotidiano humano e que podem ser mais ou menos dolorosas para cada um.

Os sentidos coletivos são aqueles veiculados por uma igreja, por um partido, pela família, e que constituem modos de pertencimento. Para Métreux (2011), os sentidos coletivos reúnem de maneira original indivíduo e comunidade: é aquilo que ao mesmo tempo me pertence e me reconecta aos outros dentro de uma mesma comunidade.

“Como interpretar as crenças e os costumes funerários se não como uma criação social que emana do luto que, a cada enterro, uma dada

sociedade faz de si mesma?” (MÉTREAUX, 2011, p. 204). Os costumes funerários remetem às próprias concepções de mortalidade da sociedade:

O pertencimento contribui para precisar a definição de *comunidade*, constituída então por indivíduos que reconhecem ter um ou vários pertencimentos comuns, ou seja, um ou vários sentidos compartilhados. Pois sempre se trata de pertencimento a uma comunidade, composta de duas pessoas pelo menos. Comunidade que não se reduz a uma reunião de indivíduos, não se resume à soma das suas partes, mas surge como fruto de uma criação coletiva: criação, comum de uma identidade, de um mito, de um projeto, de uma história, de um destino, de uma essência. Não uma imagem abstrata, mas um sentido. A participação em um mesmo evento ou a partilha de um teto não é suficiente: se fosse esse o caso, a palavra exclusão teria deixado o nosso vocabulário. Além do mais, como os pertencimentos se modificam ao longo da história, eles abrigam uma dimensão social-histórica que não se reduz ao inconsciente dos indivíduos ou dos grupos (MÉTREAUX, 2011, p. 220).

Assim, os sentidos coletivos não estão dados pelo simples partilhar de uma moradia. Eles estão mais relacionados aos sentidos compartilhados do que com o endereço onde se mora. É uma criação coletiva que é compartilhada na mundanidade do mundo com outras pessoas com as quais se tem algum modo de pertencimento.

As migrações são oportunidades em que os sentidos compartilhados são repensados. Há uma reinterpretação da realidade. Como exemplo dessa reinterpretação da realidade que, a nosso ver, está além do sincretismo, Métreaux (2011) menciona os vestígios da cultura *nahuatl* na sociedade nicaraguense contemporânea. O idioma local comporta várias palavras de raiz *nahuatl*, a língua dos astecas. As festas religiosas apresentam vários traços indígenas. As danças, que constituem um momento essencial dessas festas, simbolizam até o reencontro entre as sociedades indígena e espanhola: ao mesmo tempo expressão da memória coletiva e reinterpretação da realidade.

O pertencimento herdado é relacionado ao pertencimento à terra natal. Os hebreus, em sua migração forçada na Mesopotâmia, vivenciaram o processo de enlutamento coletivo pela destruição de seu primeiro Templo e pela expulsão de sua terra. Em solo estrangeiro, precisaram aprender uma lição bíblica para o luto que foi dada a Lot: “não olhe para trás”, porque quem olha para trás permanece no meio do caminho, como aconteceu com a mulher de Lot. Segundo Métraux (2011), essa narrativa reivindica uma

identidade nacional, um pertencimento recriado e movido pela promessa de ser o povo eleito e da reconstrução de seu Templo.

Della Pasqua e Dal Molin (2009) discutem as consequências sociais e psicológicas derivadas do processo migratório de brasileiros em Roma, por meio do trabalho de colaboração com a comunidade brasileira junto à igreja Nossa Senhora da Luz, em Transtevere, dirigida pelos missionários Scalabrinianos. Para os autores, há fatores estressantes e lutos específicos da condição migratória. A angústia e a depressão foram percebidas nos brasileiros, variando em intensidade, durabilidade e evolução em cada indivíduo.

Com base nos estudos de Della Pasqua e Dal Molin (2009), existem sete tipos de luto no processo migratório: da família e dos entes queridos; da língua; da cultura; da terra; do *status* social; do contato com o grupo de pertencimento e dos riscos para a integridade física.

Já a elaboração do luto no processo migratório pode variar de simples, complicada até extrema. A elaboração simples se dá em boas condições e o luto pode ser elaborado no país de destino; o luto complicado apresenta sérias dificuldades, mas o indivíduo consegue elaborar o luto, com ajuda. Já no luto extremo, o indivíduo não consegue elaborá-lo, pois ele ultrapassa as condições de adaptação do sujeito. Nesse momento se instala o que Della Pasqua e Dal Molin (2009) chamam de *Síndrome do Imigrante* na qual a pessoa apresenta estresse crônico ou múltiplo.

Percebe-se que a mundanidade do luto de imigrantes está relacionada à condição de viver em outro país, sem referências seguras próximas, aliada ao sentimento de abandono que convive com a extrema exigência de superação e com as perdas que se teve durante o caminho.

O sentido de expulsão e o sentimento de perda do ideal de pátria podem ser semelhantes à desintegração da própria identidade e, portanto, causadores de sofrimento mental. Retomar o sentimento de referencialidade é uma experiência de separação e luto que força o migrante a passar por mudanças as quais podem ultrapassar as referências que lhe sustentaram até o momento de emigrar.

A seguir, serão apresentadas algumas reflexões sobre o que, em nossas pesquisas, considera-se como mundanidade do luto de imigrantes a partir de estudos de caso de profissionais do campo da psicologia e da psiquiatria.

Essas reflexões não caracterizam a situação de todos os imigrantes, são apenas indicações para a compreensão dos modos como a condição do imigrante pode se revelar. Optou-se por fazer essa aplicação da noção de mundos da vida em Heidegger em relação com as características da Síndrome do Imigrante com estresse crônico e múltiplo, definidas por Della Pasqua e Dal Molin (2009), tendo como base seu trabalho já citado, com imigrantes brasileiros em Roma (quadro 1).

É necessário destacar que os mundos da vida em Heidegger não são etapas e nem estão relacionados à cronologia, com já foi destacado. A organização de características em mundos é apenas uma estratégia metodológica que busca destacar experiências de luto de cunho mais coletivo e aquelas vivenciadas mais pessoalmente as quais o imigrante pode não revelar à própria família e aos amigos.

Quadro 1
MUNDANIDADES DE LUTO NO CONTEXTO MIGRATÓRIO

Mundos da vida	Experiências de luto	Descrição
Mundo circundante	Luto pelo fracasso no processo migratório	Quando o objetivo originário da migração não é alcançado ou demora, há <i>luto pelo sonho não realizado</i> , pela incerteza e pela angústia.
	Moradia	A habitação é um problema recorrente para o imigrante. Muitas vezes precisa morar com pessoas desconhecidas, mesmo contêrrâneas. Revela o <i>luto pela sua privacidade ou por menos familiaridade</i> , além da precariedade da moradia.
	Medo	O medo constante em sofrer algum ataque contra sua integridade física; a desconfiança dos reais interesses de quem se aproxima e, ao mesmo tempo, a exigência de interação são fatores estressantes. O medo de ser deportado, descoberto, de ser mal interpretado, de dizer ou fazer algo que atraia a fúria da população local ou de sofrer penalidades por erros de outros são formas de viver o <i>luto pela liberdade</i> .
	Ausência de uma rede de apoio	Geralmente, o imigrante chega despreparado e mal informado sobre a realidade do país. A rede de apoio é um importante suporte para ajudar o imigrante a vivenciar e elaborar o processo de luto. De um modo geral, os destinos não se preocupam em realizar uma rede solidária ao imigrante, refugiado ou apátrida que possuem necessidades comuns e específicas. As iniciativas geralmente são pontuais, improvisadas e não integradas, negando ao indivíduo a cidadania, mesmo quando documentado e quando indocumentado, tratado como criminoso. Essas experiências fazem com que o imigrante vivencie um sentimento real de abandono e o <i>luto por referências</i> .

Mundo compartilhado	O peso do fracasso impede de voltar	Quando é possível retornar para casa, mas a promessa no país de destino não se cumpriu, muitos imigrantes permanecem até morrer fora de seu país, perdem o vínculo com a família e com os amigos, construindo novos vínculos que, aparentemente, suprem sua necessidade afetiva. Mas, a elaboração do <i>luto pela perda do vínculo anterior</i> pode durar uma vida inteira, causando sofrimentos velados tanto para quem imigrou quanto para quem ficou e também precisa redefinir seus vínculos.
	A luta pela sobrevivência	A certeza de que o próprio sustento depende de si, unicamente, exige um esforço, muitas vezes, maior do que a capacidade de adaptação humana. O trabalho reservado ao imigrante geralmente é mal remunerado com carga horária elevada e em condições precárias e estafantes. Assim, o imigrante vivencia o <i>luto pelo reconhecimento, pela valorização profissional e pelo respeito à dignidade humana</i> .
Mundo compartilhado	Alimentação	De um modo geral, o imigrante se alimenta mal seja pela falta de condições de adquirir alimentos de qualidade ou pela falta de disponibilidade de alimentos do mundo compartilhado. É comum que a população envolvente compreenda que o imigrante, por estar numa condição de pobreza, deve apresentar o mesmo gosto pelos alimentos do país de destino, como se ele não tivesse gosto construído em sua vivência no mundo compartilhado de seu país. São vários os relatos de pessoas em condição de migração que demoram para se habituar com temperos, cheiros e gostos do novo lugar. Alguns não conseguem, apenas toleram em prol da sobrevivência. <i>O luto pela alimentação</i> outrora compartilhada, pela comida afetiva que remete a boas lembranças também é um processo doloroso para quem sai de seu país que, muitas vezes, é diminuído pelas instituições e por quem desconhece que a alimentação é mais que sobrevivência, é parte do modo de ser-no-mundo.
Mundo Próprio	Solidão	A solidão é ocasionada pela separação da família e de pessoas queridas, mas não somente. A inserção no novo lugar e nos momentos festivos, inicialmente, remete a lembranças, ausências e sentimento de desençaixe. No contexto da migração forçada, especialmente de refugiados e apátridas, há uma situação real de irreversibilidade pela morte de pessoas amadas, perigo de morte iminente ou por algum sentimento de culpa. <i>O luto pela ausência do conhecido e amado</i> é mais expressivo entre aqueles que são obrigados a abandonar seu país em situações extremas que levam ao refúgio e apatridia.
	Ansiedade e ausência de sensação de controle	O estresse constante pode gerar tensão e nervosismo, preocupações excessivas e recorrentes, irritabilidade e insônia. O imigrante tem seu bem-estar ameaçado, desenvolvendo doenças típicas ou agravadas por estar nessa condição, vivenciando assim o <i>luto pela saúde</i> que pode se apresentar na mundanidade como depressão, somatização e estados confusionais.

Mundo Próprio	Depressão	A luta pela sobrevivência e a necessidade de sempre se apresentar bem e saudável, pode esconder tristeza, choro, culpa e até ideias de morte, mesmo que esta última não seja frequente.
	Somatização	Cefaleias, fadiga, dores osteomusculares, abdominais e torácicas são condições físicas comuns.
	Estado Confusional	Falhas de memória, de atenção, desorientação física e temporal. Para Della Pasqua e Dal Molin (2009) a confusão pode estar ligada ao fato de ter que se esconder, fazer-se invisíveis, para não serem presos ou deportados.

Fonte: Elaboração própria com base nos estudos de Della Pasqua e Dal Molin (2009); e Heidegger (2010, 2012).

Com base nas vivências destacadas no quadro 1, estudadas por Della Pasqua e Dal Molin (2009) com imigrantes brasileiros em Roma, aqui chamadas de mundanidade, pode-se acrescentar outras possíveis vivências de luto por parte dos imigrantes:

- a. Desconhecimento das leis do país do destino que proporciona *o luto por orientação e direção*, facilitando formas de exploração;
- b. A falta de condições financeiras para enviar remessas de dinheiro para suprir sua família e seus parentes que ficaram no país de destino é um aspecto que promove o *luto pela autoestima* por não conseguir cumprir sua promessa e função na família. Não se pode desconsiderar o *luto pela segurança* já que muitos imigrantes constituíram dívidas em seu país de origem e precisam conviver com a constante ameaça à sua vida e à de sua família;
- c. A aprendizagem da língua local, o que exigirá um contato maior com a população e um grande esforço de aprendizagem. Há aqui o *luto por compreensão*, tanto em compreender quanto em ser compreendido;
- d. A falta de espaços de integração entre as culturas, o desconhecimento da população local sobre a cultura do imigrante, preconceitos de toda ordem (local de origem, cor, sexo, religião ou por não ser documentado). Para as mulheres, uma situação a mais: a gravidez no contexto migratório e as mudanças na nova vida de mãe pode ser um fator estressante e até perigoso, dependendo das condições de saúde e de vida. Essas vivências geram o *luto pelo convívio social*.

Rosa et al. (2009) desenvolvem estudo com pessoas que vivenciaram experiências de trauma e de luto. A partir das experiências de atendimento psicanalítico em várias instituições públicas e em comunidades marcadas pela exclusão social e política, assim como de atendimento de imigrantes, migrantes e refugiados abrigados na Casa do Migrante, albergue mantido por missionários carlistas (ordem religiosa que se dedica exclusivamente às questões da migração), e no CAMI (Centro de Apoio aos Migrantes), os autores alertam para a preocupante existência do *luto impedido ou negado*, provocado por situações sociopolíticas ou econômicas insustentáveis.

Com base nos mundos da vida que integram as dimensões da individualidade e da coletividade, observa-se, como afirma Zaia (2007), que as pessoas não permanecem ilesas ao contato com a nova sociedade: este contato tem repercussões em seu psiquismo e, mesmo sob condições não estressantes, o imigrante prova uma sensação de desconforto e provavelmente passará por uma revisão de códigos.

Além das mundanidades citadas, serão destacadas, a seguir, duas situações que, a nosso ver, envolvem luto no contexto migratório. A primeira refere-se à condição de brasileiros no exterior e a segunda de refugiados no Brasil.

4.1 *Garimpeiros e trabalhadoras sexuais brasileiras na Guiana e no Suriname*

Para Oliveira (2012), em pesquisa de campo realizada durante cinco anos com garimpeiros em *Night Clubs* e cabarés na Guiana e no Suriname, a violência contra o trabalhador migrante é elemento intrínseco à atividade de garimpagem e de mercado sexual e acontece independentemente de regularização no país de destino.

Mulheres que não conseguem chegar aos *Night clubs* localizados nas cidades estratégicas são obrigadas a trabalhar em qualquer cidade para saldar a dívida. Os empregadores consideram que a dívida com as passagens, a hospedagem, a alimentação não foram pagas e retêm o passaporte das brasileiras. A primeira perda que elas vivenciam é a perda da liberdade de escolha para retornar ao Brasil, pois devem saldar uma dívida progressiva. Muitas passam a morar no próprio *Night Club* e dormem no mesmo quarto onde acontecem as relações sexuais. A jornada de trabalho é longa, em

média quinze a vinte programas noturnos para cada mulher, a falta de higiene dos quartos, as doenças e os maus-tratos fazem com que as brasileiras vivenciem lutos contínuos em seus mundos próprios. Compartilham, entretanto, a mundanidade do luto pelo sonho não realizado e pelo fracasso do projeto migratório.

Os garimpeiros brasileiros possuem experiências semelhantes no que diz respeito ao trabalho estafante e em precárias condições. A convivência com a iminência da morte é constante. “Lançados a inúmeros tipos de riscos, os garimpeiros convivem rotineiramente com a morte de companheiros por conta dos perigos da profissão, além de contraírem malária e HIV” (OLIVEIRA, 2012, p. 214).

O ouro azul é um sistema emblemático da mundanidade do luto dos brasileiros no Suriname, especialmente dos garimpeiros e até das trabalhadoras sexuais. Oliveira (2012) descreve o sistema no qual a porcentagem do ouro, conquistada por meio do trabalho do imigrante, é registrada como crédito em um caderno, como se fosse uma poupança. Após acumular créditos que consideram suficientes, os trabalhadores solicitam pagamento. Entretanto, é comum que os empregadores não paguem ao imigrante o valor que lhe é devido sob alegação de falência. Assim, os trabalhadores são demitidos sem pagamento algum, a extração aurífera é fechada e o empregador abre nova frente em outro lugar.

4.2 Refugiados em um segundo país e o Projeto Novos Brasileiros

Em situação de refúgio, a saída do país de origem nem sempre pode ser planejada e o primeiro país de abrigo também pode não oferecer condições mínimas para o asilo ou a adaptação pode ser muito dolorosa. Assim, o refugiado pode solicitar abrigo em um segundo país. É nesse contexto que o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), com a anuência do próprio refugiado, passa a mediar o processo de reassentamento a partir da consulta a outros países.

Fiametti (2005) afirma que o reassentamento é uma solução duradoura e que na América Latina, até 2005, somente o Brasil e o Chile haviam aderido ao Programa de reassentamento promovido pelo ACNUR. Foi em 1999 que o governo brasileiro firmou o chamado Acordo Macro para reassentamento de refugiados e a cidade de Porto Alegre foi escolhida

como espaço de referência para o reassentamento. Em 2003, a Associação Antônio Vieira (ASAV), por meio de acordo com o ACNUR, tornou-se responsável pelo reassentamento em parceria com a rede de apoio criada em âmbito regional. Essa iniciativa foi chamada de Projeto Novos Brasileiros.

Muitos refugiados não conseguem se integrar por motivos culturais, sociais e religiosos. A inexistência da possibilidade de repatriamento e a vivência de experiências de luto anteriores em outras tentativas torna ainda mais difícil a segunda tentativa de refúgio (FIAMETTI, 2005).

Observa-se que, diferentemente de pessoas com projetos migratórios mais delineados, os refugiados e apátridas vivenciam mundanidades específicas de luto, além das já citadas neste texto. Considera-se que estas podem ser relacionadas ao que Métreaux (2011) denominou de experiências de perdas, constituídas por tragédias suscetíveis ao luto coletivo. Representam, entretanto, um importante potencial de criação social, pois as lembranças e os sentidos novos e antigos, dados pela comunidade a um vínculo, possuem uma dimensão criadora e constituem estratégias para rearticular presente, passado e futuro.

5. Considerações finais

A migração não é sinônimo de luto. Muitos migram para ampliar seus horizontes e, mesmo quando é necessário elaborar diferentes modos de luto, os indivíduos desenvolvem estratégias de adaptação e protagonizam formas de criação social. Como se destacou no decorrer desse texto, a situação de brasileiros que moram em outro país não é diferente da condição de imigrantes no Brasil. Parece que a mundanidade mais tangível da migração é o tratamento do imigrante como “outro menor”, alguém na condição na qual nunca se estará.

No contexto de migrações forçadas, como no caso de refugiados, apátridas e outros imigrantes, de algum modo expulsos de sua terra, os sofrimentos são ainda mais tangíveis. Há também as migrações “espontâneas”, mas com experiências semelhantes de luto, como se pôde observar no caso de brasileiros e brasileiras na Guiana e no Suriname.

A busca por um abrigo deveria mobilizar as sociedades ao redor do mundo, entretanto, o que se vê são acordos e tratados não cumpridos e ausência de programas educacionais para um mundo em movimento. Acredita-se que isso não evitaria as mundanidades do luto inerentes ao contexto migratório, mas contribuiria para o desenvolvimento de sua potência socialmente criadora.

A análise dos casos foi norteadada por uma abordagem fenomenológica-hermenêutica heideggeriana, cujas bases têm contribuído para que geógrafos humanistas reinterpretem as noções de lugar e mundo.

A noção de mundanidade, enquanto contexto no qual a presença se compreende, possibilitou a identificação, nos casos estudados, de diferentes formas de luto vivenciadas por imigrantes, refugiados e apátridas: *luto pelo sonho não realizado, pela privacidade ou familiaridade, pela liberdade, por referências, pela perda do vínculo anterior, pelo reconhecimento, pela valorização profissional e pelo respeito à dignidade humana, pela alimentação, pela ausência do conhecido e amado, pela saúde, por orientação e direção, pela autoestima, pelo convívio social bem como o luto impedido ou negado.*

A finalidade desse texto foi apresentar uma proposta de análise da dimensão existencial do fenômeno migratório. Considera-se que a ciência geográfica tem muito a contribuir com o estudo de populações. Entretanto, há a necessidade de estudos que, além de mapas e estatísticas, se ocupem também de aspectos existenciais, especialmente quando tratam de fluxos migratórios. A noção de mundanidade é uma possibilidade de grande potencial e valor, já descoberta por geógrafos humanistas, mas ainda carente de aplicação em estudos de contextos que envolvem pessoas em situação de migração e refúgio.

Notas

¹ Na literatura psicanalítica o termo “grandes grupos”, em geral, se refere a conjuntos de 30 a 150 membros que se reúnem para tratar de determinada questão (VOLKAN, 2007).

² Houaiss. Dicionário de Língua Portuguesa. Disponível em: <http://dicionario.cijun.sp.gov.br/houaiss/cgi-bin/houaissnetb.dll/frame>. Acesso em 13 de abr. 2014.

³ SERRES, Carolina. Número de refugiados no Brasil triplica em 2013, Sírios representam 43%. Agência Brasil. Disponível em <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2014-01-08/numero-de-refugiados-no-brasil-triplica-em-2013-sirios-representam-43%>. Acesso em 08 de jan.2014.

Referências

AMARAL, José Januário do; SILVA, Adnilson de Almeida; LEANDRO, Ederson Lauri. Migração e colonização na Amazônia brasileira: notas para um debate. In: OLIVEIRA, Valéria de; LEANDRO, Ederson Lauri; AMARAL, José Januário do (Org.). **Migração: múltiplos olhares**. São Carlos: Pedro & João Editores/EDUFRO, UNIR, 2011. p. 13-35.

BRASIL. Conselho Nacional de Imigração. **Resolução Normativa nº 97, de 12 de janeiro de 2012**. Dispõe sobre a concessão do visto permanente previsto no art. 16 da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, a nacionais do Haiti. Brasília: CNIg, 2012.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DELLA PASQUA, Leonardo; DAL MOLIN, Fábio. Algumas considerações sobre as consequências sociais e psicológicas do processo migratório. **REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, ano XVII, n. 32, 2009. Disponível em: <http://www.csem.org.br/remhu/index.php/remhu/article/viewFile/147/139>. Acesso em 10 de abr. 2014.

FERNANDES, Duval (Coord.). **Projeto “Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral”**. Belo Horizonte: MTE, IOM, PUC-Minas, GEDEP, 2014.

FIAMETTI, Tranquilo. Novos projetos brasileiros: reassentamento de refugiados no Rio Grande do Sul. Serviço Pastoral dos Migrantes (Org.). **Travessias na de\$ordem global: Fórum Social das Migrações**. São Paulo: Paulinas, 2005. p.161-172. (Col. Mundo Possível).

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método I**. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 6 ed. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2004.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Conformação simbólica dos espaços da vida e da morte: uma aproximação teórica. **Revista Brasileira de História das Religiões**, ano VI, v. 06, n. 18, Janeiro de 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/index>. Acesso em 23 abr. 2014.

HEIDEGGER, Martin. **Fenomenologia da vida religiosa**. Trad. Enio Paulo Giachini; Jairo Ferrandin e Renato Kirchner. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2010.

HEIDEGGER, Martin. **Os problemas fundamentais da fenomenologia**. Trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

HOLZER, Werther. Mundo e Lugar: ensaio de geografia fenomenológica. In: MARANDOLLA JÚNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Org.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 281-304.

HOUAISS. **Dicionário de Língua Portuguesa**. Disponível em: <http://dicionario.cijun.sp.gov.br/houaiss/cgi-bin/houaissnetb.dll/frame>. Acesso em 13 de abril de 2014.

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; DALL GALLO, Priscila Marchiorini. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 27, n. 2, jul./dez., 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982010000200010. Acesso em 01 de abril de 2014.

MARTES, Ana Cristina Braga. Velho tema, novos desafios: gestão pública da migração. **Cadernos Adenauer X (2009)** - Migração e políticas sociais, Rio de Janeiro, n. 1, ago. 2009.

MARTINS FILHO, José Reinaldo Felipe. O outro, quem é ele? Considerações em torno da fenomenologia de Husserl, Heidegger e Lévinas. **Griot - Revista de Filosofia**, Amargosa-BA, v. 1, n. 1, julho 2010. Disponível em: <http://www.ufrb.edu.br/griot>. Acesso em 8 de abril de 2014.

MÉTREAUX, Jean-Cleaud. **Lutos coletivos e criação social**. Trad. Eduardo Nadalin. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

MILESI, Rosita. **Refugiados e Migrações Forçadas**: Uma reflexão aos 20 anos da Declaração de Cartagena. Instituto Migrações e Direitos Humanos (2005). Disponível em: http://www.migrante.org.br/refugiados_e_migracoesforçadas16jun05b.htm. Acesso em 12 de abril de 2014.

OLIVEIRA, Rafael da Silva. Dos fluxos da esperança à precária realidade da migração brasileira para as áreas de garimpo na Guiana e no Suriname. In: SILVA, Sidney Antonio (Org.). **Migrações na Pan-Amazônia**: fluxos, fronteiras e processos socioculturais. São Paulo: Hucitec; Manaus: Fapeam, 2012. p. 189-220.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência do lugar. In: MARANDOLLA JÚNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Org.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 17-32.

ROSA, Miriam Debieux et al. A condição errante do desejo: os imigrantes, migrantes, refugiados e a prática psicanalítica clínico-política. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 497-511, set. 2009

SERRES, Carolina. Número de refugiados no Brasil triplica em 2013, Sírios representam 43%. **Agência Brasil**. Disponível em <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2014-01-08/numero-de-refugiados-no-brasil-triplica-em-2013-sirios-representam-43%>. Acesso em 08 de janeiro de 2014.

VOLKAN, Valmik D. Psicodinâmica da violência de grandes grupos e da violência de massas. **Ciência e Saúde Coletiva**, n. 11 (sup), p. 1119-1210, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232006000500010. Acesso em 05 de fevereiro de 2012.

ZAIA, Márcia Cristina. Imigrantes muçulmanas em São Paulo: um estudo a partir da psicologia intercultural. **REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, ano XV, n. 28, 2007.

Recebido em: 30/04/2014

Aceito em: 05/08/2014